



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14282 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT08 - Formação de Professores

O CONTROLE DO CAPITAL SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE, NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DA CLASSE OPERÁRIA EM HORIZONTE/CE.

Soraia Colaço - UECE - Universidade Estadual do Ceará

José Ernandi Mendes - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Ana Valéria Galvão Lima - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Agência e/ou Instituição Financiadora: FUNCAP

O CONTROLE DO CAPITAL SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE, NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DA CLASSE OPERÁRIA EM HORIZONTE/CE.

Resumo: A pesquisa, objetiva apresentar o controle do capital sobre a formação docente, na Educação Profissional da classe operária da indústria calçadista, em Horizonte/CE, de 1996 a 2021. Sob a responsabilidade do SENAI, o debate ocorre em torno dos referenciais apresentados no Manual utilizado, além de apreensão das narrativas dos(as) docentes, a fim de dar conta das estratégias metodológicas na formação docente, Adotamos como procedimento teórico-metodológico a pesquisa bibliográfica, documental/legal e estudo de caso, ancorada numa perspectiva ontológica marxiana, pautada no materialismo histórico e dialético, por meio da pesquisa qualitativa e entrevista semiestruturada. A formação docente, privilegia as necessidades do capital em crise, em detrimento de uma formação genuinamente capaz de proporcionar o apoio requerido à prática docente.

Palavras-chave: Capital, formação docente, educação profissional, classe operária.

Introdução

O modelo de formação de professores, historicamente, tem servido no atendimento às necessidades do mercado, o qual, com a intensificação da crise estrutural do capital, tem demandado, cada vez mais, trabalhadores(as) “qualificados”, “ajustados”, “flexíveis” e, principalmente, sem criticidade e prontos a obter salários baixos. Como adverte Mészáros(2008) " Digam-me onde está o trabalho em um tipo de sociedade e eu ter direi onde está a educação" (p. 17). Nessa conjuntura, a Educação Profissional da classe operária, fundamentada na metodologia SENAI-Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, ao considerar o perfil profissional pretendido pela indústria, segue uma organização do trabalho

de base toyotista, mas sem eliminar traços do taylorismo/fordismo, sempre que a economia requisitar. Do fordismo [\[1\]](#), ao taylorismo [\[2\]](#), ao toyotismo [\[3\]](#), até chegar a reestruturação produtiva, tem sido um longo caminho, a fim de manter a reprodução do modo de produção capitalista, dentro das quais o capital, em crise, se utiliza das mais diversas ferramentas para ampliar e concentrar o processo de acumulação de riquezas.

Para Saviani(2007), a ideia da educação, como instrumento poderoso de controle dos processos de trabalho, se manifestou, sobremaneira, a partir de 1990, quando a concepção de educação com base nas competências e habilidades do(a) trabalhador(a), ao atender um perfil profissional, nos moldes do interesse da indústria, instituiu-se no âmbito da educação brasileira, e, mais precisamente, nos cursos profissionalizantes.

O SENAI, é regido por uma “[...]prática e organização curricular fundada na demanda do mercado, a requerer um determinado perfil de docente, cuja atuação seja de “um líder de grupos, capaz de mediar os processos de aprendizagem e gerar atitudes transformadoras” (SENAI, 2013, p. 109). Isso posto, aparentemente, atribui significado a função docente, ao pressupor uma pretensa autonomia, como “líder”, ao mesmo tempo, coloca sob a sua responsabilidade engendrar “atitudes transformadoras”. Quando nos aproximamos dos sujeitos, identificamos as estratégias formativas, com fim à submissão do trabalho ao capital, à perpetuação dos privilégios de uma classe social, cuja dominação tem impactado na destruição da vida e do planeta.

O desafio do(a) docente do SENAI junto aos(às) jovens aprendizes e demais operários(as) da indústria calçadista de Horizonte, traz exigências com as quais este(a) profissional precisa lidar constantemente. Seu trabalho também está atrelado ao desenvolvimento de suas próprias “competências, atitudes e habilidades”, a fim de conseguir atender os objetivos postos pelo processo produtivo e, fomentar os mesmos atributos nos(as) alunos(as), incluindo a valorização da meritocracia, como uma responsabilidade individual no sucesso profissional.

Destaca ainda o apelo ao “reconhecimento à pluralidade de opiniões”, quando explicita uma prática docente respeitosa e capaz de valorizar “[...]todo tipo de interação na sala de aula, como o diálogo, a troca de informações e experiências, o confronto de opiniões divergentes ou a construção grupal de uma ideia, como condições necessárias para o processo de apropriação de novos conhecimentos”. (SENAI, p. 111).

Observamos a utilização de muitos conceitos os quais são usados como narrativas ou estratégias, na busca por uma formação centrada num perfil profissional produtivo e capaz de se adequar às demandas oscilantes da indústria.

Com relação à base teórica, o manual destaca Vygotsky, Piaget, Ausubel e Perrenoud. Obviamente, não vamos discutir os diversos elementos das teorias utilizadas pelo SENAI, os quais demandariam uma profunda análise e comparação entre o proposto pela metodologia

SENAI (2013) e as teorias citadas. Mas, não podemos deixar de considerar o fato dos autores supracitados, principalmente Vigotski e Piaget, na grande maioria das vezes, sofrerem com os recortes mal elaborados, fragmentados, diante do conjunto de suas obras. A aprendizagem e o desenvolvimento do ser humano, para esses autores, de tradição marxista, guardando as devidas particularidades de cada um, não se encontra a serviço da educação neoliberal. Tomemos como exemplo o destaque do manual SENAI(2013), sobre o termo “interações sociais”, usado por Vigotski, ao pretender justificar a “interação” entre professor(a) e aluno(a), como algo a ser constitutivo na aprendizagem SENAI, todavia, não expressa, de fato, o significado disso para o autor. De acordo com Pino(2019, p. 22), para Vigotski, “[...]o desenvolvimento psicológico é um processo histórico e o psiquismo humano é de natureza cultural. Com essas ideias, “[...]é colocada a matéria da natureza e da constituição das “funções mentais superiores”, ou seja, aquelas que definem o ser humano do homem”. Dito isso, podemos identificar a compreensão do autor, a não imputar a condição de neutralidade aos processos sociais e de produção, ao afirmar ser o homem um sujeito histórico e cultural, pelo trabalho, sendo o responsável pelo modo como produz a sua existência, na interação com outros homens.

As competências se tornaram parte indissociável do discurso educacional, neoliberal, principalmente após a publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e dos Parâmetros Curriculares Nacionais pelo Ministério da Educação. Esse modelo subordina a escola ao mercado, os fluxos educacionais aos econômicos.

Metodologia

Nos pautamos no primado do materialismo histórico e dialético, ao partirmos do real concreto, para chegarmos à totalidade, por meio de determinações abstratas, a fim de alcançarmos a síntese concreta, em suas múltiplas determinações, tendo em vista identificar **o controle do capital sobre a formação docente, na educação profissional da classe operária em Horizonte/CE**. Esse trabalho, demandou uma abordagem qualitativa, sem eliminar, no entanto, os aspectos quantitativos, os quais entremeiam o ato da pesquisa.

Executamos a pesquisa em dois momentos: análise bibliográfica com referenciais teóricos clássicos, a exemplo de Marx(2013) Mészáros(2008) e Saviani(2007;2009), além de uma inserção minuciosa no Manual SENAI(2013), dentre outros, e, pesquisa de campo com docentes que atuam no SENAI e atendem a classe operária da indústria calçadista em Horizonte, com a utilização de uma observação participante e entrevista semiestruturada, com o agendamento de encontro online.

Em atendimento à necessidade do objeto de pesquisa, destacamos as seguintes categorias: capital, formação docente, Educação Profissional e classe operária, ao nos permitir a aproximação possível com a realidade. **No total de 08 professores(as) do SENAI**, 03 se disponibilizaram a nos conceder uma entrevista, o equivalente à escuta de 37,5% dos(as) docentes. Nos fundamentamos na teoria marxiana na análise dos dados, ao privilegiar as falas dos sujeitos, e, a relação com o que está posto no Manual SENAI(2013), o qual vem

corroborar com a síntese final.

Análise e discussão de resultados

Na realização dessa pesquisa, ouvimos os(as) docentes, as narrativas sobre o processo de formação, o qual pretende regular à sua prática. O quadro abaixo, dispõe sobre às suas falas, em formação pelo SENAI, as quais pautaram parte de nossas análises. Quadro 01: respostas dos(as) professores(as).

Pergunta: Quais os Conhecimentos teórico-práticos que predominam na sua formação? De que forma ocorre? Há uma formação continuada?	
D1	Formação continuada, SEC SENAI, coordenador indica cursos ou nós escolhemos. Temos no início do ano a semana pedagógica, trabalhamos a melhoria nos planos de ensino. O manual é usado.
D2	Utilizamos o manual SENAI, mas não o tempo todo. Temos formação continuada. Realizei 28 cursos só na pandemia. Certificação EAD, temos um sistema de avaliação que avalia o interesse na formação continuada, quem faz mais cursos aparece o nome do profissional, numa circular por email, parabenizando o professor.
D3	Usamos o manual SENAI, não sempre. Há uma formação continuada, cursos em EAD, muitos. Destaco as estratégias que o SENAI direciona, não visam apenas a parte técnica, mas a parte de formação humana (perguntei o que significava para ele formação humana: respondeu: orientar, diagnosticar quem é esse aluno, depois somar aos conhecimentos que ele tem, depois direcionar).

Fonte: da autora.

O manual SENAI nem sempre é utilizado pelo(a) professor(a). Embora direcionado à todas as etapas do processo educacional, há uma lacuna, suprida por conhecimentos outros. O(a) docente é avaliado(a), também, pelo número de formações concluídas, o que o obriga a uma busca permanente pelos cursos oferecidos, sugeridos pela coordenação ou escolhidos pelos(as) professores(as). Mas sempre em consonância com temas propostos na plataforma. A formação à Distância, em EAD, por módulos, cujo acesso é disponibilizado aos(às) docentes, não se constitui como suficientes e, muito menos proporciona as condições para estes(as) enfrentarem as diversas problemáticas educacionais. Assim, as experiências adquiridas, ao longo da vida, também interferem nessa prática, o que, de certa forma, pode sugerir significados e representações diversas do que está posto no currículo de formação docente. A realidade, não responde às metodologias e a teorias pré-determinadas, não se adequa, em toda sua concretude, aos modelos pensados pelos “especialistas em educação”.

O controle do capital sobre a prática docente é recorrente em todos os processos educacionais brasileiros, em todos os níveis de ensino, e, na Educação Profissional, é extremamente minucioso, ao esvaziar conteúdos críticos sociais e produzir referenciais de cunho tecnicista, ao lidar com os sujeitos como se fossem apêndices da máquina. Além desses aspectos, “[...] a questão da formação de professores não pode ser dissociada do problema das condições de trabalho que envolvem a carreira docente, em cujo âmbito devem ser equacionadas as questões do salário e da jornada de trabalho”. (SAVIANI, 2009, p. 153).

É pertinente ressaltar que a formação docente, principalmente relacionada às escolas

de Educação Profissional, trazem como pressuposto a subordinação do trabalho e a precarização do trabalho docente. É uma lógica perversa, inserida na estrutura fabril. Como assinala Marx “Nas fábricas e manufaturas ainda não sujeitas à lei fabril, reina periodicamente, durante a assim chamada temporada, o mais terrível sobretrabalho, realizado num fluxo intermitente, em decorrência de encomendas súbitas” (2013, p. 672).

Considerações finais

Observamos a exigência de uma prática docente condizente com os objetivos da indústria, em acordo com as oscilações do mercado, a corroborar com cursos de formação fragmentados, descontínuos e em atendimento às demandas emergenciais. O(a) professor(a) precisa estar se adaptando constantemente, cumprindo metas, da mesma forma como o(a) operário(a) da fábrica. É uma educação voltada a resultados práticos. O controle do capital sobre a prática docente equivale ao controle sobre os processos de trabalho na indústria de calçados em Horizonte. É assustadora a precarização, em meio às exigências de uma modernização da indústria local. Nunca é demais salientar que a educação, na sociedade capitalista, encontra-se a serviço da reprodução social dessa sociedade, mas, o que encontramos, demonstra apenas que ainda estamos aquém de oferecer uma educação a qual acompanhe o intenso fluxo do processo produtivo, principalmente, nos países do capitalismo periférico. A organização da formação docente, embora ceifada da qualidade necessária ao incessante acúmulo de capital, privilegia as necessidades deste, em detrimento de uma formação genuinamente capaz de proporcionar o apoio requerido na prática docente.

Referências.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política: Livro I.** 13 ed. o processo de produção do capital. Tradução: Rubens Enderle. Editora Boitempo, Rio de Janeiro, 2013.

MÉSZÁROS, István. A educação para a lém do capital. 2 ed., Editora Boitempo, São Paulo, 2008.

PINO, Angel. **A psicologia concreta de Vigotski: implicações para a Educação.** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados -PUC-SP, 2019. <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/issue/view/2167>. Acessado em 11 de março de 2023.

PINTO, Geraldo Augusto. **A organização do trabalho no século XX: taylorismo, fordismo e toyotismo,** Editora Expressão Popular, São Paulo, 2013.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 2007. 473p.

SAVIANI, Demerval. **Formação de Professores: Aspectos Históricos e Teóricos do Problema no Contexto Brasileiro.** Rev. Bras. Educ. [online]. 2009, vol.14, n.40, pp. 143-155. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>> Acesso em: 11/03/2023.

SENAI. Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Departamento Nacional. **Metodologia SENAI de educação profissional**. Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Departamento Nacional. – Brasília: SENAI/DN, 2013.

[1] Fordismo: [...] colocação do objeto de trabalho num mecanismo automático que percorresse todas as fases produtivas, sucessivamente, desde a primeira transformação da matéria-prima bruta até o estágio final (PINTO, 2013, p. 35).

[2] Taylorismo: “o que distingue o sistema taylorista de organização dos seus precedentes é o fato de que toda essa complexa análise e planejamento que envolve ficam, após sua implementação, a cargo da administração da empresa, e somente dela. (PINTO, 2013, p. 31).

[3] Toyotismo: [...]uma metodologia de produção e de entrega mais rápidas e precisas que os demais, associada justamente à manutenção de uma empresa “enxuta” e “flexível”. (PINTO, 2013, p. 46).